

A TATUAGEM COMO SUPORTE DE MEMÓRIA: NARRATIVAS INSCRITAS NA PELE

JESSICA OLIVEIRA DE ÁVILA¹; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES²;
DANIELE BORGES BEZERRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicaavila98@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – borgesfotografia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, dá continuidade ao Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia defendido em 2023. Naquele momento, buscou-se estabelecer uma aproximação entre as tatuagens e o conceito de objeto semióforo, proposto por POMIAN (1984), compreendendo-as como marcas que carregam significados para além de sua materialidade.

Nesta nova etapa, o estudo se aprofunda na análise das tatuagens como suportes de memória, capazes de demarcar experiências e sentimentos em forma de narrativas e conectam-se à construção identitária dos sujeitos. A problemática central parte do seguinte questionamento: de que modo as tatuagens, para além de sua dimensão estética, podem ser compreendidas como elementos que evocam memórias e estabelecem conexões entre passado, presente e futuro?

Parte-se da hipótese de que as tatuagens atuam como agentes de memória, revelando vínculos afetivos e sociais. O objetivo geral é analisar a tatuagem e verificar se ela pode ser pensada como um meio de expressão memorial e identitária, considerando os sentidos atribuídos a essas marcas pelos sujeitos que as carregam. Entre os objetivos específicos, destacam-se: investigar as motivações e os significados atribuídos às tatuagens; compreender de que modo elas agem como suportes de memória; refletir sobre seu papel como fenômeno cultural; e propor o conceito de “fato tatuado”, em diálogo com a noção de “fato museal” trabalhada por Waldisa Guarnieri (GOMES, 2015).

A fundamentação teórica apoia-se em autores como POMIAN (1984), que discute o valor simbólico dos objetos semióforos; LE BRETON, (2003; 2007), que pensa o corpo como espaço simbólico; PERALTA (2007), que enfatiza a memória

como elo entre o individual e o social; além de VENSON E PEDRO (2012), que propõem uma abordagem foucaultiana da memória como processo dinâmico. Assim, busca-se compreender as tatuagens como fenômeno cultural e memorial, associado a experiências individuais e coletivas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, com base em entrevistas semi estruturadas, entrevistas narrativas e conversas informais com pessoas tatuadas de diferentes idades, gêneros e grupos sociais. A partir da análise do material produzido com o trabalho de campo busca-se compreender como cada indivíduo articula suas experiências de vida às imagens inscritas na sua pele. A perspectiva metodológica está fundamentada em autores como PEIRANO (1995), que enfatiza a imersão etnográfica como prática de conhecimento e em PÉTONNET (2008), que propõe a escuta sensível como forma de captar nuances e significados que vão além do visível.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram realizadas entrevistas com participantes que relataram experiências em que a tatuagem atuou como recurso para a ressignificação da dor e do trauma, atuando também na elaboração de lutos. Entre os relatos, destacam-se histórias de tatuagens cobrindo cicatrizes resultantes de violências, bem como registros “*in memoriam*” em homenagem a pessoas ou animais falecidos.

Essas narrativas indicam que a tatuagem não se limita ao campo estético, mas atua como dispositivo memorial capaz de ressignificar experiências dolorosas, a partir da reconfiguração das marcas do corpo com a constituição de narrativas simbólicas por meio da visualidade. Assim, em diálogo com autores como POLLAK (1989), que discute o silêncio em torno do trauma, e PINHO (2022), que analisa tatuagens como marcadores do luto, observa-se que essas marcas corporais são também estratégias de enfrentamento, resistência e continuidade de vínculos afetivos.

4. CONCLUSÕES

A reflexão desenvolvida ao longo desta pesquisa evidencia que as tatuagens ultrapassam a sua dimensão estética e se configuram como espaços de memória e expressão identitária. Elas constituem um elo entre experiências individuais e coletivas, permitindo que histórias de vida e vínculos sociais encontrem registro e materialidade no corpo. Ao dialogar com diferentes perspectivas teóricas, observa-se que a tatuagem atua como uma espécie de fenômeno cultural complexo, capaz de inscrever sentidos, promover ressignificações e reafirmar a memória como processo identitário vivo em constante transformação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade. Tatuagens, piercings e outras marcas corporeis**. Miosótis, 2004.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PINHO-FUSE, Miriam Ximenes. **Luto à flor da pele: Tatuagens in memoriam em leitura psicanalítica**. São Paulo: Blucher, 2022.

POMIAN, Krzysztof. **Colecionadores, amadores e curiosos: Paris, Veneza, século XVI e XVIII**. Paris: Gallimard, 1984.

GOMES, Carla Renata. O pensamento de Waldisa Rússio sobre a museologia. **Informação & Sociedade**, v.25, n.3, 2015.

PERALTA, E. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: resenhas críticas. **Antropologia, Escala e Memória**, n.2, 2007.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v.2, n.1, 1989.

POULOT, D. A razão patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI. **Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.34, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, Rio de Janeiro, v.15, 2012. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/261>.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: GOMES, Vânia R. (Org.). **A experiência do olhar: leituras de campo na antropologia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. p.127-142.